



A RECLUSÃO COMO RITUAL DE PASSAGEM EM CONTOS DE MAGIA

Juliana Oliveira*

Eventuais correspondências entre as narrativas de contos clássicos provenientes de diferentes contextos culturais, encontram respaldo nos postulados junguianos sobre a arquetipicidade. Nesse sentido, Jung assevera que:

[o]utra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e nos contos de fada. Aqui também, no entanto, se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo. O conceito de archetypus só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. (Jung, 2016, p. 21)

Vladimir Propp (1997; 2006) repertoriou cem histórias originárias de tradições eslavas para extrair componentes comuns entre elas. Os resultados de suas pesquisas constam em duas obras de sua autoria, a saber: *As raízes históricas do conto maravilhoso* e *Morfologia do conto maravilhoso*. Seus estudos narratológicos evidenciaram uma série de traços que se repetem em todas as estórias, entre os quais a questão da clausura que, antes de constituir elemento de literalidade, pauta-se como processo que alude a questões antropológicas, mais precisamente de natureza arquetípica sob a perspectiva de Jung (2016). Em outros termos, o confinamento constitui processo psicofisiológico que afeta todos os seres humanos em determinadas fases da vida, sobretudo na passagem da infância e adolescência à vida adulta.

O referido processo de crise e transformação instaurado para promover metamorfoses se reflete em uma série de textos literários clássicos, entre os quais se encontram os contos de magia enquanto recurso capaz de ilustrar momentos decisivos no desenvolvimento do arco do protagonista. Nesse contexto, os Irmãos Grimm retratam Rapunzel (1812) isolada no alto de uma torre; Perrault descreve a jovem Cinderela (1697) confinada em uma cozinha, submetida a tarefas domésticas; Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve expõe a personagem Bela (1740) como prisioneira da Fera; Collodi destaca na trajetória de Pinóquio (1883) o momento em que o personagem fica aprisionado no ventre da baleia; Lewis Carroll, por sua vez, insere Alice (1865) na caverna do Coelho, e assim por diante. Em todas as situações, os personagens atravessam períodos que os conduzem a momentos de introspecção e, como consequência, experimentam transformações que tipicamente se desenvolvem em claustros destinados ao confinamento. Contudo, nem sempre o isolamento se instala de forma plena, posto que outros personagens, por vezes exercendo papel de guia ou de mentor, surgem para interagir e orientar o protagonista, favorecendo sua evolução nas circunscrições do claustro. Nesse *nunc* e *hic* dedicados à autorreflexão, circunscrito por posicionamentos heurísticos, o personagem será assombrado por imenso rol de responsabilidades que despontam sem cessar.

Essa observação de Jung evidencia um fenômeno que se manifesta em contextos socioculturais diversos; um exemplo disso pode ser observado nos rituais de povos indígenas das Américas, como os Kamayurás do Alto-Xingú, que confirmam a universalidade do confinamento enquanto rito de passagem à vida adulta, indicando que a reclusão, frequentemente presente nas narrativas literárias ocidentais, reflete fenômenos recorrentes. Como destaca Tavares (2000, p. 02), “[...] o que podemos argumentar neste sentido é que a Reclusão Pubertária desempenha um papel importante no universo social e cerimonial nativo, uma vez que age a nível psicológico e físico nos jovens ingressantes nesta fase etária.” Consequentemente, as intervenções de natureza psiquiátrica, psicológica e psicanalítica, implicadas na constituição da psique humana, são abordadas de formas variadas, por se configurarem como operação psicofisiológica fundamental e incontornável.

Segundo Propp (1997; 2006), nos contos clássicos de magia o sobrenatural se integra ao enredo, aludindo a traços arquetípicos que emergem no dito “real” e nos outros lugares possíveis para o real, propostos no âmbito de artes como a literatura, o teatro, o cinema e demais sucedâneos. Como ocorre nas narrativas literárias de modo geral e, por default, nos seus espaços diegéticos, as coerências internas garantem operações de verossimilhança que induzem o leitor a aceitar o

* É Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: oliveirajuliana64634@gmail.com

extraordinário sem grandes questionamentos, sobretudo por ser atraído e encontrar ecos em elementos basilares, intrínsecos à formação do sujeito psicanalítico interno e externo à obra literária. Os períodos de reclusão, inerente a momentos específicos da vida se refletem nos universos fantásticos, sendo em muitos casos solucionados por meio de passes de magia enquanto metáfora pedagógica, apanágio nesse tipo de abordagem, isto é, de narrativas que tendem à instauração de universos feéricos.

À égide de bases filosóficas que buscam criar novos lugares para o real como forma de garantir sentidos para a vida e – como sugere Barthes em seu discurso professoral, posteriormente publicado com o título *Aula* (2002), diante da necessidade de se deturpar os próprios conceitos de realidade para descansar das recorrências e colocações que se produzem sem cessar – corrobora-se a visão junguiana segundo a qual todo indivíduo estaria imerso em processos arquetípicos, entre os quais se destaca na presente discussão a reclusão como período necessário à catalisação de metamorfoses psicofisiológicas. Em muitos casos, o personagem dialoga com sua consciência como forma de buscar orientações para solucionar seus conflitos interiores. Cinderela, por exemplo, recebe a visita de sua fada madrinha. Com efeito, trata-se da figura de sua findada mãe que continua a zelar por sua filha em seus pensamentos e desejos enquanto órfã. Por sua vez, Pinóquio também conversa com sua consciência, pois precisa demonstrar que possui parte das prerrogativas necessárias para ascender à vida adulta e se tornar “um menino de verdade”.

A fase pubertária constitui um dos instantes mais proeminentes em relação aos processos de desenvolvimento da personalidade, através de diálogos entre: (a) o *eu* e o *inconsciente*; (b) o *eu* e as diferentes *identidades* passíveis de experimentação. Trata-se de período crítico, de passagem à vida adulta. No claustro, por vezes representado por espaços metafóricos, outras vezes por locais físicos, o indivíduo experimentará o confinamento como rito destinado à experimentação de novos estados, tanto de ordem física quanto mental. No espaço-tempo das auras no qual o sujeito se inscreve, seja em contextos factuais ou ficcionais, refletem-se tanto fatos da vida quanto das artes que a representam, interconectando essas esferas e gerando, assim, objetos culturais que se manifestam nas narrativas que compõem os contos.

Segundo Yuste Frías (2010), experimentar transformações que aludam a processos biológicos conduz o indivíduo ao espaço “entre”, ou mais especificamente, às encruzilhadas, para onde convergem e de onde partem veredas plurais, ao longo das quais operam diferentes mutações de cunho psicofisiológico. Em geral, como observam autores como Propp (1997; 2006), Campbell (1995) e Vogler (2006), nas primeiras letras dos contos apresentam-se personagens triviais e singelos, que tranquilamente experimentam as vicissitudes da vida de forma ainda ingênua, sem grandes inquietações, até que forças desconhecidas, de maneira súbita, os convocam à transformação por meio de impulsos de diversas

naturezas. Inicialmente, o protagonista rejeita os convites que lhe são feitos, contudo, após uma série de provocações, os personagens cedem ao chamado à aventura, o que lhes permitirá evidenciar traços de valor e caráter. Como preparação às jornadas que se avizinham, o personagem passará por períodos de reclusão. Nesse isolamento, ocorrerá a purificação de suas emoções e a consequente preparação para que possam ascender a novas etapas, porém, doravante, já imbuídos de novos conhecimentos e discernimento apurado.

Ora, por um lado cabe considerar que *limites* quase sempre separam processos e estados de modo assertivo e estanque. Por outro lado, e diferentemente, *fronteiras* constituem verdadeiros umbrais, isto é, zonas de passagem, de negociação e transformações, destinadas a suavizar fricções entre diferentes planos. O claustro constitui justamente o local no qual o indivíduo permanecerá recluso para que possa refletir e buscar soluções para seus conflitos. Nos contos de magia as restrições são resolvidas de forma heurística, ou seja, de modo ágil, pois os personagens contam com auxiliares que os conduzem a encontrar atalhos para a resolução de seus dilemas.

Como sugere Barthes em sua obra intitulada *O prazer do texto* (1987), as transformações não ocorrem em margens sensatas, tampouco em margens transgressoras, mas nos espaços de fricção no qual se produzem forças dinâmogênicas capazes de gerar novas energias. Por sua vez, as atrições induzirão inflamações, crises, ruptura e consequentes mudanças para o florescimento de novos estados. Sob tal prisma, como já sugerido acima, há muito mais que *um eu-antes* e *um eu-depois*, mas composições novas, resultado de imbricações de processos psiquiátricos, psicológicos e psicanalíticos passíveis de oferecer sustentáculos as identidades.

Um dos traços mais salientes observados por Propp nas suas investigações sobre os contos populares consiste na questão do confinamento enquanto ritual presente, de forma explícita, em quase todas as culturas. Os rituais de reclusão pubertária, tanto como processo intrínseco às fases de amadurecimento dos seres humanos, quanto como ritual culturalmente fixado, se exprimem em diferentes representações artístico-literárias de forma geral e, em específico, nos contos de magia. A concepção de clausura manifesta-se tanto nos campos científicos – como nas investigações de Carl Gustav Jung sobre os processos arquetípicos e as dinâmicas do inconsciente – quanto nas análises das arquiteturas narrativas da ficção, notadamente nas estruturas funcionais delineadas por Vladimir Propp. As metamorfoses próprias da adolescência transcendem o âmbito meramente psicofisiológico, instaurando transformações no plano simbólico, afetivo e psicanalítico. Nesse contexto, delineiam-se zonas de confluência situadas entre a condição humana e as formas estéticas de representação que operam como mediadoras na elaboração das passagens críticas da existência.

Propp, assim como Jung, conduz o leitor a reflexões sobre dilemas que atravessam a existência humana em diferentes estágios da vida, tanto em sua dimensão coletiva quanto em seu anseio por singularidade. O primeiro autor se debruça sobre os fundamentos estruturais da narratividade tradicional, herdados principalmente da oralidade e de hábitos culturais longamente constituídos. O segundo, por sua vez, propõe um percurso rumo à individuação, sem desconsiderar os vestígios de uma matriz universal da qual todo sujeito emerge. Tal processo, ainda que voltado à formação do eu, conserva traços universais, os quais permanecem inscritos na arte como expressão de conflitos e motivações profundas – inclusive de ordem psíquica e biológica –, que se perpetuam por meio de configurações isomórficas. A arte – enquanto manifestação estética que tensiona o real e projeta novas possibilidades de mundo –, mesmo em seus impulsos mais disruptivos, preserva estruturas simbólicas enraizadas no imaginário coletivo, as quais retornam no plano individual como ecos de inquietações essenciais da humanidade.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. De Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2002.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad. de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Collodi, Carlo. *As aventuras de Pinóquio: História de um boneco*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naif, 2ª ed. 2012.

COSTA, Carlos Eduardo. *Política da reclusão: chefia e fabricação de corpos no Alto Xingu*. Revista de Antropologia da UFSCar, v. 12, n. 1, p. 22-35, jan./jun. 2020.

G1. No Xingu, tribo Kamayurá treina mulheres para serem pajés. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/01/no-xingu-tribo-kamayura-treina-mulheres-para-serem-pajes.html>. Acesso em: 25 out. 2024.

GALVÃO, Eduardo. *Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu*. In: Boletim do Museu Nacional, N.S., Antropologia, n. 14, p. 22-35, Rio de Janeiro, 1953.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm (Contos de fada)*. Trad. David Jardim Junior. Minas Gerais: Editora Villa Rica, 2013.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEPRINCE DE BEAUMONT, Jeanne-Marie; VILLENEUVE, Gabrielle-Suzanne Barbot de. *A Bela e a Fera*. Trad. de André Telles. São Paulo: Zahar, 2016.

LOPES, Aparecida de Lara. *Ehjcreere'Catiji: ritual de iniciação à vida adulta dos Krikati: mudanças e (re)significações (séculos XIX e XX)*. 2020. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

PERREAULT, Charles. *Cinderela: Cendrillon ou La Petite Pantoufle de Verre*. Org. Regina Michelli, Flavio García e Maria Cristina Batalha. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021.

PROPP, Vladímir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Trad. de Rosemary Costhek Abílio, Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PROPP, Vladímir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. de Jasna Paravich Sarhan. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SAMAIN, Etienne. *Moroneta Kamayurá*. Rio de Janeiro: Lidador, 1991.

TAVARES, Sérgio Corrêa. *O Campeão: um protótipo do tipo ideal xinguano*. Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 0, n. 4, p. 44-54, jan./jun. 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Trad. de Ana Maria Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

YUSTE FRÍAS, José. Au seuil de la traduction: la paratraduction. In: NAAIJKENS, T. (Org.). *Événement ou incident: du rôle des traductions dans les processus d'échanges culturels*. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2010. p. 287-316. (Genèses de Textes-Textgenesen, v. 3; dir. Françoise Lartillot).